

O Centenário de Sartre

Pedro Bertolino

Na segunda metade do século passado, à sombra do trágico término da segunda guerra mundial, _ a Civilização do Ocidente teve em Jean-Paul Sartre, o único filósofo capaz de restabelecê-la na esperança de um futuro ao alcance. Seu Existencialismo ganhou espaço destacado nos meios intelectuais e na mídia de todos os cantos do nosso mundo ocidental, para suplantar tudo aquilo que pusera como possibilidades para o homem concreto, desde os antigos gregos. Sartre começava sua trajetória de “ícone” soberano e “consciência crítica do século”, conforme se atestaria em termos nacionais e internacionais repetidamente.

Florianópolis, que aderira ao Movimento Modernista de 1922 com 26 anos de atraso; _ em 1948 já levava Sartre ao palco do Teatro Álvaro de Carvalho, sob direção de Ody Fraga, do Grupo da Revista Sul. Em 1953, o Existencialismo chegou aos salões de carnaval, pela marchinha “Chiquita Bacana”, na interpretação de Emilinha Borba. E assim aconteceu por toda parte, num momento em que não dispúnhamos de televisão e muito menos de internet. Desde Paris, a moda, o “look” e a esperança existencialistas lastraram como incêndio incontido pelos salões, pela vida social e intelectual; a matizar o cotidiano de maneira irrevogável, como ocorre até hoje.

Essa popularização e encarnação do Existencialismo, surpreendente para o próprio filósofo, _ entretanto, veio ao preço de uma certa superficialização que deixou a produção técnico-filosófica sartreana em penumbra indiscutivelmente danosa para o bem-estar humano. Ninguém ignora que ele existiu e continua inamovível. Mas, não conseguindo digeri-lo, cuidam de arquivá-lo como militante político da Resistência Francesa contra o nazismo, tão caro para Martin Heidegger e seus discípulos ou admiradores ainda hodiernos. Quando não isso, concedem-lhe o lugar de escritor que, ao fim das contas, deu-se a dignidade de recusar-se ao recebimento do Prêmio Nobel de Literatura. Tudo recebido ao amparo do princípio da reação acadêmica manipulista: _ a Sartre somente o inevitável.

Os nossos meios universitários, avançados até os doutorados e pós-doutorados, desviam propositada e visivelmente da produção sartreana quando se voltam para as questões ontológicas, antropológicas, psicológicas e, sobre tudo, da filosofia da ciência: _ são raras as rendições. Nem suspeitam, e não querem suspeitar por razões acadêmicas mesquinhas, que precisamente o filósofo a quem mumificam cotidianamente, deixou pronta a solução dos problemas com que se batem na errância da circularidade hermenêutica, caudatária sempre da mitologia e do alquimismo helênicos. Militância de militontos que tentam contornar o incontornável, feitos Sísifo depois de suas trapalhadas com os deuses.

Enquanto isso, a França orgulhosa comemora, ao longo de todo este ano, e a título de Data Nacional, o Centenário de Nascimento do Filósofo Jean-Pul Sartre, ocorrido em Paris, aos 21 de junho de 1905. Quem acessar pela internet a “Bibliothèque nationale de France-Sartre” terá oportunidade de visitar uma exposição virtual cuidadosamente preparada aos cuidados de excelentes especialistas no estudo do autor. Ali, poderá conhecer a extensa obra do autor em todas as suas edições originais, seguidas de comentários breves: seja na ficção, no teatro, no jornalismo, na crítica literária, nos roteiros para cinema, nos ensaios sobre política e, muito principalmente, nos domínios da Psicologia e da Filosofia: aonde reside sua maior contribuição para o bem-estar humano, e ainda muito pouco estudada. Uma exposição preciosa de fotos e manuscritos que documentam a admirável vida do autor, junto a Simone de Beauvoir e a intelectualidade francesa que conviveu e combateu com ele o bom combate.

Sartre desenvolveu sua filosofia e sua psicologia ao amparo do princípio e método das ciências experimentais, de modo a superar desde as raízes a fenomenologia de Husserl e a filosofia existencial

de Martin Heidegger ou seus desdobramentos, bem como a mitologia ocidental da razão cartesiana: nutrida pelo misticismo platônico. Em meados do século XX, Sartre considerou seu Existencialismo como uma pérola incrustada no marxismo. Mas, com a queda do socialismo real e a perda da consistência científica pelo pensamento marxista – o mesmo veio converter-se na única filosofia que expressa a verdade indiscartável da práxis histórica de nossos dias. Pois, se consubstancia em filosofia da esperança e da verdade das possibilidades para o ser do homem. Somente ele nos identifica e legitima cientificamente como sujeitos do nosso ser no mundo material e dialético -- na medida em que nos viabiliza como titulares do nosso destino histórico, ou seja: seres cujas possibilidades ontológicas estão postas pelo futuro.

Queiramos ou não queiramos, o Sartre “ícone”, na verdade, consciência crítica da Civilização Ocidental toda, ganhou seu lugar em nossa cultura e. Seu Existencialismo que se fez moda, “look”, e tantas coisas em que o próprio filósofo não aceitou reconhecer-se, _ já passou. O Sartre que nos cabe agora estudar, analisar, aproveitar e aplicar em favor do bem-estar humano, _ é aquele da obras técnicas, inclusive as de edições póstumas por sua filha adotiva e herdeira : Arlette Elkaim-Sartre), bem como, as outras a que essas remetem: valendo lembrar aquelas em que se formulou a teoria e a metodologia da Psicologia Existencialista.

A popularidade espantosa de Sartre no imediato pós-guerra de.45, deveu-se ao fato de ele ter sido o único filósofo do mundo que teve algo a dizer de esperançoso à humanidade estupefata ou atônita com as bombas e o poderio atômico. Não estamos em situação diferente. Mas, Ele morreu dizendo-nos, em seu testamento político: **“Eu resisto e sei que vou morrer na esperança, dentro da esperança: é preciso explicar porque o mundo de agora que é horrível não passa de um momento no longo desenvolvimento histórico. Ainda vivo profundamente a esperança como concepção do futuro”**.